

No.138
ANO 17
JUL-DEZ/2007
F.A.R.J.



INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO - FARJ
farj@riseup.net - <http://www.farj.org> - Cx. Postal 14576 - CEP 22412-970 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

NOSSO TRABALHO COM AS OCUPAÇÕES E A FIST

FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO - FARJ

“Não queremos ‘esperar que as massas se tornem anarquistas’ para fazer a revolução; tanto mais de que estamos convencidos de que elas nunca se o tornarão se inicialmente não derrubarmos, pela violência, as instituições que as mantêm em escravidão. Como precisamos do concurso das massas para constituir uma força material suficiente, e para alcançar o nosso objetivo específico que é a mudança radical do organismo social graças à ação direta das massas, devemos nos aproximar delas, aceitá-las como elas são e, como parte das massas, fazê-las ir o mais longe possível. Isso se quisermos, evidentemente, trabalhar de fato para realizar, na prática, nossos ideais, e não nos contentar em pregar no deserto, para a simples satisfação de nosso orgulho intelectual.”

Errico Malatesta

Para a FARJ, o anarquismo deve servir, acima de tudo, como ferramenta de luta. Com esta premissa, temos buscado reinserir o anarquismo no campo da luta de classes, com o objetivo de que ele retome seu vetor social, perdido no Brasil, ainda na década de 1930.

Uma dessas tentativas encontra-se no trabalho com as ocupações urbanas cariocas, que iniciamos ainda no ano de 2003. Pelas ocupações urbanas constituírem um campo em que as contradições do capitalismo são mais evidentes, passamos a acreditar que esse seria um terreno mais do que fértil para as idéias do anarquismo. Desde então, buscamos seguir as idéias de Neno Vasco, que recomendava depositar as sementes do trabalho militante no terreno social mais fértil possível. E o terreno priorizado por nós foi o das ocupações urbanas.

Os trabalhos iniciaram-se na ocupação Vila da Conquista e logo se estenderam para as ocupações Olga Benário, Margarida Maria Alves e Poeta Xynayba (despejada já há algum tempo). Em 2005, formamos uma frente de trabalho social cujo objetivo era

aproximar os anarquistas das ocupações urbanas. Desta frente participaram a FARJ e dois outros grupos: o Coletivo Libertário Ativista Voluntariado de Estudos (CLAVE) e o Grupo de Ação Libertária (GAL). Com a dissolução do CLAVE e do GAL e a entrada de alguns de seus membros na FARJ, a luta com as ocupações continuou. Para nós, era importante a fundação de uma frente que pudesse agregar as ocupações,

de maneira coletiva, classista, apoio mútuo e internacionalista, com vistas à luta revolucionária anticapitalista e à constituição de uma nova sociedade. Estes princípios mínimos, que na verdade norteavam um acordo tácito entre as organizações no interior da FIST, foram estabelecidos para que se pudesse constituir a frente de luta e, a partir dela, as mobilizações, visando fundamentalmente a solidariedade e o apoio mútuo; tudo

isso com o objetivo de potencializar os resultados organizacionais da frente. Um dos resultados práticos destas medidas foi a publicação do *Espaço das Ocupações*, periódico da FIST, que teve cinco números e para o qual contribuimos de maneira decisiva.

Dentro da FIST, sempre defendemos o ponto de vista de que sua principal função deveria ser articular as ocupações para o fortalecimento dos laços de solidariedade e da organização política, propagando o conceito de liberdade social, presente em Bakunin. A liberdade do outro, afirmava ele, longe de limitar a liberdade de alguém, estende-a e é condição necessária para sua confirmação. Ou seja, o principal objetivo deveria ser articular as lutas e fortalecer os seus laços federalistas; uma forma de buscar ampliar a liberdade, de maneira coletiva. Sempre, também, acreditamos que deveríamos estimular

a associação, com vistas ao aumento de força social para a luta, visto que, associadas por laços de fraternidade e apoio mútuo, as ocupações possuem muito mais força para lutar contra seus opressores.

O apoio jurídico, dado pela LCSP às ocupações, teve sempre um lugar fundamental na FIST. Sem este apoio, é inegável que qualquer trabalho com as ocupações seria muito mais difícil, já que a luta entre proprietários e ocupantes passa, necessariamente, por uma burocracia jurídica que, se não tiver apoio técnico e competente, pode colocar tudo a perder. No entanto, nossa posição sempre foi que o apoio jurídico, assim como todos os ganhos de curto prazo, não



proporcionando um laço de solidariedade entre elas. Foi assim que nos juntamos à Liga dos Comunistas Sem Partido (LCSP) e, junto com as ocupações com as quais trabalhávamos, fundamos a Frente Internacionalista dos Sem-Teto (FIST), em 2005.

Naquele momento, a FIST definiu-se “como um movimento político-social, voltado para o apoio mútuo entre as ocupações de sem-teto do Rio de Janeiro, denunciando a exploração imobiliária burguesa e organizando sua resistência contra qualquer tipo de exploração e opressão, oriunda do sistema capitalista”. Escolheu, também, basear-se na horizontalidade, ação direta, autonomia social e política, responsabili-

“A revolta é a nobreza do escravo”

Nietzsche

deveria se sobrepor ao trabalho político, voltado aos objetivos de longo prazo. Foi por este motivo que, desde a fundação da FIST, sempre buscamos sustentar uma discussão política, extravasando os objetivos de curto prazo, que naturalmente são trazidos como demanda de qualquer movimento social. Isso, para nós, significa defender a visão de que o movimento social não se basta por si mesmo e que é imprescindível um projeto político de longo prazo, anticapitalista, que vá além das conquistas imediatas.

Em 2005 tivemos uma experiência importantíssima com a ocupação Quilombo das Guerreiras que, embora tenha sido despejada logo após sua constituição, nos deixou um grande aprendizado sobre o trabalho social com as ocupações. Na época, justificamos assim a ação: “No campo tático a FARJ e a FIST tinham como objetivo, ao participarem dessa ocupação, não apenas estabelecer, por uma ação violenta contra a propriedade, um enclave de justiça social, ainda que dentro da mais ampla conjuntura de desigualdade que atravessamos. Os militantes destas organizações acreditavam tratar-se de um passo importante na direção de uma política mais conseqüente entre os grupos de apoio, não excetuando aí o estabelecimento de laços fraternos e de confiança, com vistas à unidade na luta.” [FARJ. *Uma Breve Leitura da Ocupação “Quilombo das Guerreiras”*.]

Os trabalhos continuaram em 2006 e 2007, com a FIST agregando outras ocupações: quatro casas do Instituto Benjamin Constant, Domingos Passos, Confederação dos Tamoios, Alípio de Freitas, Lima Barreto (já despejada), José Oiticica, Poeta Xynayba II.

Nossa ação concreta dentro das ocupações se dá, não apenas, mas principalmente, no auxílio para a organização das assembleias e na proposição de atividades para se construir elos de relação com as demais ocupações; neste caso, as filiadas à FIST, ou mesmo fora dela. Muitas vezes tomamos parte no cotidiano

das ocupações, comparecemos nos dias de trabalho, de articulação, ou mesmo nas comemorações e festas. E ainda, desenvolvemos atividades pedagógicas e/ou lúdicas com os moradores e projetos diferentes como o trabalho de hortas, reciclagem, passeios com as crianças, exibição de filmes, entre outras. Há agora um novo projeto para desenvolvermos um curso de formação política nas ocupações.

Acreditamos que os níveis de atuação político (da organização específica anarquista) e social (o movimento social, não anarquista) são diferentes e possuem propostas distintas. Nunca quisemos ideologizar o movimento social – transformando-o em movimento de ocupações anarquista – mas sim influenciá-lo, o quanto possível, com as nossas práticas anarquistas, como nos recomenda Malatesta.

Houve, desde sempre, uma luta fraterna dentro da FIST para que esta não se tornasse simplesmente uma entidade de apoio jurídico e de auxílio de curto prazo aos movimentos sociais. Para nós, foi ficando cada vez mais claro que o papel desempenhado pela LCSP dentro da FIST, atribuindo demasiada ênfase em seus aspectos jurídicos, estava complicando nossos objetivos de politizar as ocupações, trazer visão de longo prazo, estimular a solidariedade e a associação para luta. Para nós, essa ênfase no jurídico sustentava a idéia, constantemente latente nos movimentos sociais, de valorizar somente os ganhos de curto prazo, naturalmente em detrimento de seus aspectos revolucionários, anticapitalistas, de ver o movimento como meio, e não como fim. A ênfase no jurídico estava despolitizando as ocupações, gerando líderes “messiânicos” – visto que o advogado não era *mais um*, mas era o *único* capaz de levar a ocupação à “redenção”. Ao invés de proporcionar experiências pedagógicas, mostrando aos explorados que o poder está no povo, e não fora dele, estas situações estimulavam o contrário. Ao invés de conseguirmos exercer nossa influência por meio do exemplo e da luta ombro a ombro com os

explorados, essa posição de reforço do jurídico estava sendo usada para consolidar uma relação de domínio, em que o “especialista”, colocava-se sobre as ocupações, gozando de seu privilégio do saber, e estimulando a subserviência dos ocupantes.

Entretanto, é preciso frisar que também a LCSP tem uma contribuição importante na tentativa de politização dos ocupantes. Mas, a experiência tem demonstrado que, quer por um equívoco dos companheiros, quer pela insegurança que demonstram ao hipertrofiar o papel do jurídico, esta contribuição, no seu somatório, revela-se quase nula. O resultado é que os ocupantes, principalmente na iminência de um despejo ou ordem do juiz contrária à permanência destes na ocupação, muitas vezes entregam-se ao desespero ou mesmo à prostração. Um fato que, se não pode ser explicado unicamente pela valorização excessiva do jurídico, levada a efeito pelos companheiros da LCSP, encontra nessa atitude um dos seus indícios mais fortes de despolitização.

Recentemente, pelos motivos explicados, decidimos sair da FIST. Com esta atitude, acreditamos poder continuar com o trabalho nas ocupações urbanas, porém, excluindo estes problemas, que para nós estavam gerando conseqüências funestas. Deixemos claro que esta saída da FIST não implica, de maneira alguma, na interrupção dos nossos trabalhos com o movimento sem-teto do Rio de Janeiro. Os trabalhos continuam e continuarão sendo feitos da mesma forma, com a única diferença que agora, ao invés de nos relacionarmos com as ocupações por meio da FIST, estamos fazendo isso diretamente FARJ-ocupações. Com a nossa saída da frente e a exposição clara, franca e ética dos nossos motivos, temos logrado ainda executar ações pontuais e nas ocupações com a LCSP, entretanto, sem as vinculações orgânicas táticas de antes. Para nós, o movimento sem-teto continua sendo um terreno muito fértil para o anarquismo e continuaremos jogando nele as nossas sementes.

Carta de Apresentação do Núcleo de Alimentação e Saúde Germinal

Uma pitada de Ecologia
e outra de Anarquia.

“Numa época em que os espíritos generosos e arrojados tentam transformar seu ideal de justiça social em realidade objetiva, as nossas ambições não se limitam a conquista do pão, do vinho e do sal. – Queremos conquistar tudo o que é necessário à vida humana e até mesmo a utilidade que forma o conforto da existência; queremos a faculdade de poder assegurar a todos os homens a plena satisfação das suas necessidades e dos seus gozos.”

**Elisée Reclus, prefácio da “Conquista do Pão”
de Piotr Kropotkin**

O Núcleo de Alimentação e Saúde Germinal, conhecido como Germinal, é um grupo auto-gerido, com objetivo de consolidar e resga-

tar a AGRICULTURA, como uma prática a ser incorporada em nosso dia-a-dia. Introduzindo os conhecimentos da ecologia social, da eco-alfabetização, da agroecologia e da economia solidária, luta por uma alimentação justa e saudável para todos, ao mesmo tempo, ajuda a articular a criação de redes entre trabalhadores do campo e da cidade e insere as propostas anarquistas no Movimento Ecológico e de Agricultores.

O Germinal foi constituído no ano de 2005 por militantes da Federação Anarquista do Rio de Janeiro. Tem entre seus participantes associados e membros de apoio, se estruturando em coordenações e tendo na Assembléia sua instância de deliberação. Seu nome rende homenagem a editora de livros organizada em meados da década de 60 do último século no Rio de Janeiro pelo anarquista Roberto das Neves, a Editora Germinal, que publicava obras sobre anarquismo, alimentação e saúde. É também o nome de um dos meses do

Calendário Revolucionário Francês, instituído durante a Revolução Francesa e reativado pela Comuna de Paris, que era orientado pelas características e fenômenos da natureza. Inspiramo-nos no trabalho de grupos como a Associação Cultural Quilombo Cecília, a Associação Erva Doce, a União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus, o Movimento Sem Teto e o Movimento Sem Terra.

Realizamos atividades voltadas para a alimentação saudável, a promoção da saúde coletiva, a produção e o consumo de produtos agroecológicos, com destaque para as oficinas, a apresentação de trabalhos acadêmicos, os Mutirões Pedagógicos de Ação Direta e os Almoços Dançantes Vegetarianos. O público de nossas atividades são trabalhadores, militantes dos movimentos sociais, estudantes, sindicalistas, agroecologistas e pessoas afins. Algumas dessas atividades são realizadas em ocupações rurais e urbanas, e outras no Centro de Cultura Social - CCS-RJ. Localizado no bairro

de Vila Isabel o CCS-RJ é um espaço libertário voltado a realização de projetos comunitários.

Para nossos trabalhos estabelecemos como princípios básicos o Apoio-Mútuo, a Ação Direta, a Autogestão, a Ecologia, o Classismo, o Internacionalismo, o Federalismo, a Ética, a Inserção Social, a Liberdade e a Agroecologia.

Para garantir nossa Sustentabilidade re-passamos convites para os almoços e nossos materiais de divulgação, com a preocupação de que os mesmos tenham um valor acessível aos trabalhadores, além de contarmos com o trabalho dos nossos militantes.

Organizamos o Germinal por entendermos que é

importante que nós anarquistas, lutando contra as injustiças causadas pelo sistema capitalista, apresentemos nosso projeto político para o conjunto do Movimento Ecológico e para todos os trabalhadores e explorados. O Estado e a Burguesia são responsáveis pela continuidade desse sistema social e econômico. O capitalismo trata a natureza como insumo produtivo, e o esforço dos trabalhadores, como capital humano, se estruturando na exploração do trabalho humano, da natureza e da propriedade.



Almoço dançante no CCS-RJ

Acreditamos que o Movimento Ecológico surge a partir de lutas anti-capitalistas anteriores, com a organização dos trabalhadores, das feministas, dos negros, dos pacifistas, dos indígenas, dos sem-terra, dos sem-teto e dos estudantes, tendo sua gênese no maio de 1968. Este que foi um movimento social combativo foi aos poucos

se tornando cada vez mais reformista. Sua institucionalização trouxe como consequência sua incorporação ao sistema que julgava combater. Isso ficou claro com o surgimento da proposta de Desenvolvimento Sustentável. Tal proposta, para nós um claro pacto entre classes, sugere a possibilidade da manutenção do desenvolvimento capitalista em conformidade com a conservação da natureza, a justiça social e a democracia. A seguir esse caminho, o Movimento Ecológico e de Trabalhadores da Agricultura tende a perder sua crítica radical ao sistema, a autonomia política e a capacidade de construir alternativas sociais e econômicas.

Por isso, o Germinal vem a somar esforços com todos que querem derrubar essa sociedade e sob suas ruínas plantar um mundo novo, onde haja justiça social e liberdade para todos os seres

vivos e a natureza. Queremos contribuir para a radicalização e a pluralidade dos movimentos sociais, e por fim, para a retomada do caminho rumo a Revolução Social.

Lutamos para que prevaleça o modelo de produção agroecológico em detrimento do modelo de agricultura para o mercado, e para que a terra, assim com os demais meios de produção, esteja nas mãos dos trabalhadores. Lutamos contra a sociedade de classes, para que se construa uma anárquica, onde o bem estar seja para todos e a natureza seja bem cuidada. A Agroecologia, enquanto técnica de produção e ciência, possui um papel fundamental nessa transformação. Através dela podemos refletir junto aos trabalhadores sobre as relações sociais e econômicas que não mais queremos, e sobretudo, aquelas que desejamos. Utilizando a Agroecologia, socializamos a terra, os meios de produção e os alimentos saudáveis, ao mesmo tempo que, cuidamos bem da natureza e trabalhamos sem exploração.

Em nossa breve existência não poderíamos deixar de registrar nossos agradecimentos. A todos os Apoios, aos que comparecem nas atividades organizadas, aos agricultores rurais e urbanos, a Cooperativa de Consumo Rede Ecológica, ao Grupo de Agricultura Ecológica, a Fazendinha Agroecológica, aos movimentos sociais que estão na luta no campo e na cidade, aos membros do CCS-RJ e aos militantes da FARJ, sem os quais o trabalho do Germinal não poderia florescer: SAÚDE, AGROECOLOGIA e ANARQUIA.

nucleogerminal@riseup.net

Bandeiras Negras Sobre Fundo Vermelho - A presença anarquista na Revolução Russa

“Você está exagerando ao sugerir que nós usaremos a força bruta contra os anarquistas!”. Foi assim que Leon Trotsky, um dos personagens da Revolução Russa, dirigiu-se ao anarquista Volin, em abril de 1917, meses antes da tomada do poder pelos bolcheviques. Volin parecia prever que as divergências ideológicas entre os dois grupos poderiam levar a um enfrentamento de graves consequências. Seu temor, afinal, não foi infundado. Apenas um ano depois, o comandante do Exército Vermelho avaliaria a ação contra os anarquistas de Moscou nestes termos: *“Enfim o poder soviético varre o anarquismo da Rússia com uma vassoura de ferro”.*

Varrida também das páginas da história da Revolução Russa, a participação anarquista num dos episódios mais importantes do século XX apresenta cenas fortes demais para serem condenadas ao esquecimento. Elas atestam que a revolução foi um processo complexo, envolvendo diversos sujeitos sociais e variadas propostas no interior das próprias esquerdas. O conhecimento dessas nuances pode nos ajudar a ter uma visão mais viva e completa da revolução que ainda hoje inspira o imaginário daqueles que lutam por um mundo mais justo.

A partir da segunda metade do século XIX, começa a se constituir um movimento anarquista na Rússia. Inspirados nas obras de anarquistas russos como Bakunin, Kropotkin, Tolstói e Emma Goldman, muitos libertários exilados na Europa Ocidental irão publicar jornais libertários em solo russo. Um destes foi o *Narodnoe Delo* (“A Causa do Povo”) – apoiado por Bakunin – que entrava clandestinamente nos fechados domínios do czar em fins da década de 1860. Outro jornal importante foi o *Hleb i Volya* (Genebra, 1903-05), cuja influência maior vinha de Kropotkin.

Porém, eram muitas as correntes socialistas a tentar hegemonizar os processos que levaram à eclosão da Revolução de 1905, considerada o “ensaio geral” antes de 1917. O próprio Kropotkin reconheceria que a atuação espontânea das massas foi uma força muito mais decisiva do que as idéias dos intelectuais de esquerda. “Não foram os social-democratas, nem os socialistas revolucionários, nem os anarquistas que lideraram esta revolução. Foi a classe operária, o trabalhador”, disse ele.

A volta dos expatriados após a Revolução de Fevereiro de 1917 fez com que os grupos dispersos

buscassem uma rearticulação. O poeta Volin reconheceu que, ao chegar à Rússia em julho de 1917, eram poucos os sinais da presença de grupos anarquistas. No entanto, havia esforços para organizar um movimento que, assim como outras correntes do socialismo, sofrera com a repressão do governo imperial.

Biblioteca Social Fábio Luz
Fundada em 18 de novembro de 2001
Nosso acervo compreende livros sobre anarquismo, mov. operário, biografias, história, filosofia, literatura, ciências sociais. Além de periódicos, jornais, fanzines, vídeos e venda de livros.
Rua Torres Homem 790, Vila Isabel - CCS/RJ
sábados de 09h às 17h

Assinatura de apoio (6 exemplares - R\$ 8,00);
pacote de 10 Liberas (R\$ 4,00).
O pagamento poderá ser feito através do envio de dinheiro (bemcamuflado!) ou de selos no valor correspondente.
Tiragem: 2.500 exemplares.
Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião da FARJ
Assine o Libera, Apoie a imprensa libertária!

Quando eclode a Revolução de Outubro, muitos anarquistas participam das agitações, vislumbrando no estabelecimento dos soviets uma possibilidade de ascensão de uma sociedade descentralizada, organizada de baixo para cima, num regime socialista fundado na *autogestão* social dos meios de produção e das instituições civis. Porém, a idéia bolchevique de uma ditadura comandada pelo partido recebia muitas críticas. Esse posicionamento ficou claro na resolução do Congresso *Nabat* (Confederação das Organizações Anarquistas da Ucrânia), de abril de 1919, onde se apoiava “toda a participação nos soviets”, que haviam se transformado, entretanto, em órgãos “organizados em bases autoritárias, centralistas e estatizantes”.

Os bolcheviques, por sua vez, acusavam os anarquistas de “contra-revolucionários” ou de “bandidos”. Sob tal orientação, iniciava-se uma ofensiva vermelha contra indivíduos e organizações anarquistas na Rússia. A *Cheka*, a polícia política do bolchevismo, começou as perseguições com uma batida aos escritórios do jornal *Anarchy*, publicado pela Federação Anarquista de Moscou. Em seguida, a “vassoura de ferro” eliminaria grupos libertários em Petrogrado, Moscou, Kharkov e Odessa. Centenas foram presos e muitos foram executados nos porões da *Cheka*, entre eles Fanya Baron e mais oito companheiros, o que causou comoção e protestos. Estudantes da Universidade de Moscou também se manifestaram contra os maus tratos aos detentos políticos na prisão de Butyrki. Em resposta, o governo prendeu líderes estudantis e fechou a universidade.

Na medida em que se noticiava a repressão aos anarquistas, protestos irrompiam de toda a parte. Kropotkin enviou uma carta a Lênin, datada de 4 de março de 1920, na qual dizia que os conselhos locais (*soviets*) deviam ser estimulados. “Mas a Rússia”, continuava ele, “é uma república soviética apenas no nome. A influência e o poder dos homens do partido,

que são freqüentemente estranhos ao comunismo, têm aniquilado a influência verdadeira e a força daquelas instituições que muito prometiam: os soviets.”.

Makhnovtchina: a guerrilha de Makhno

Foi na Ucrânia, ao sul, que o anarquismo russo conheceu seu momento mais significativo. O operário Nestor Makhno, eleito presidente do soviete local, formou um Exército Insurgente de inspiração anarquista que desempenhou importante papel contra a ofensiva do Exército Branco, ajudando os bolcheviques nessa tarefa.

Em dezembro de 1919, contudo, o Exército Vermelho chegou ao sul e ordenou que os makhnovistas partissem para o *front* polonês. Makhno se recusou, pois não queria deixar a Ucrânia livre para o controle bolchevique. Dessa forma, virou *persona non grata* para os leninistas. A partir daí se iniciou a luta entre a *makhnovtchina* e o Exército Vermelho, com intervalos de tréguas e acordos.

O avanço dos Brancos ao norte obrigou os bolcheviques a firmarem um novo acordo com a guerrilha, prometendo a libertação dos presos anarquistas e a liberdade de expressão. Makhno cumpriu sua parte impedindo a ofensiva contra-revolucionária. Já o Exército Vermelho fez justamente o contrário: em 26 de novembro de 1920 prendeu os anarquistas mais conhecidos da Ucrânia; em seguida, convidou os comandantes de Makhno para uma conferência na Criméia, durante a qual foram capturados e, depois, fuzilados.

A resistência da guerrilha anarquista não poderia durar infinitamente, dada a vantagem numérica e material dos Vermelhos. Assim, Makhno fugiria para a Romênia no fim de 1920, passando por algumas prisões até alcançar a liberdade e o exílio em Paris, onde viveu até 1935.

Reflexos no Brasil: o “Soviete do Rio”

No Rio de Janeiro, então capital da República, eclodiu em 1918 uma insurreição anarquista inspirada na explosão revolucionária da Rússia. O levante pretendia instaurar o “soviete do Rio” e estava articulado com uma greve em várias fábricas no dia 18 de novembro. Os anarquistas também pretendiam atacar a Intendência de Guerra, no bairro de São Cristóvão. Além de conseguir armas para a ação, o ataque trazia a expectativa de apoio dos soldados, como acontecera na Rússia.

Mas a adesão dos escalões inferiores das Forças Armadas não ocorreu. Na verdade, a aproximação de um militar ao grupo conspirador foi responsável, em parte, pela derrota da insurreição. Um tenente do Exército atuou como agente infiltrado e entregou aos seus superiores todos os detalhes do plano. Antes das ações armadas, vários líderes já tinham sido encarcerados.

Ainda assim teve início uma série de combates nas ruas, com explosões, troca de tiros e algumas mortes de ambos os lados. Duas torres de energia elétrica foram explodidas e os operários tomaram o 10º Distrito Policial. No entanto, as tropas fiéis ao governo reprimiram uma rebelião que já esperavam. Além disso, a ausência de um contexto revolucionário com ampla base social – como ocorrera na Rússia – também frustrou o sucesso da ação.

Nos relatórios policiais e nas manchetes dos jornais do dia seguinte, a ideologia dominante procurava jogar a opinião pública contra os anarquistas. Em geral, diziam se tratar de “agitadores” que pregavam a “desordem e a subversão do regime legal”. Inclusive a “desonra de virgens” estaria, segundo a polícia, nos planos dos insurgentes.

E, como em tantos outros episódios da história do Brasil, a vitória coube mais uma vez às elites.

João Henrique Castro Oliveira (membro da FARJ e do Núcleo de Pesquisa Marques da Costa)

Notícias Libertárias

Almoços no CCS: Durante o segundo semestre de 2007 o CCS foi palco de uma diversidade gastronômica, conceito criado por Charles Fourier em contraponto ao de gastronomia, à partir da realização do VI, VII, e VIII Almoços Dançantes, promovidos pelo Núcleo de Alimentação e Saúde Germinal.

As temáticas trabalhadas foram a Revolução Mexicana, o centenário de nascimento de Roberto das Neves e nossa homenagem a Ivan Illich, em memória aos 05 anos de sua morte. Eles aconteceram respectivamente nos domingos de 29 de julho, 09 de setembro e 23 de dezembro, contando com pratos típicos do povo do Sol, as receitas Macrobióticas divulgadas por Roberto das Neves em suas publicações, e também, com algumas gostosuras pesquisadas pelos associados do Germinal.

Com a realização do VIII Almoço Dançante aproveitamos para refletir junto aos participantes sobre a proposta da atividade. Esta, que para nós é uma ferramenta

de convivialidade, e que tem por objetivo reaproximar a “vida do campo a vida cidade”, e a produção agroecológica, com seus trabalhadores e suas práticas, para perto de seu público consumidor, deve consolidar uma forma de Educação Integral voltada para a Conquista do Pão. Viva a Anarquia - Núcleo de Alimentação e Saúde Germinal

100 anos da Floreal: Nós do NPMC prestamos esta nota em homenagem ao centenário de uma revista batizada de Floreal, que circulou de 25 de Outubro à 31 de Dezembro de 1907, mas que seus 04 nos marcaram a história, apesar de ainda pouco explorada, Floreal tinha como editor, diretor e mentor intelectual Lima Barreto, devemos agradecer ao grandíssimo Lima pela iniciativa da publicação independente. Aproveitamos para pedir, que se alguém tiver cópia desta obra e queira fornecer ao nosso acervo da Biblioteca Social Fábio Luz, para continuarmos nossa pesquisa. Viva a mídia independente.

Necrológio: “Faleceu no dia 26 de dezembro do corrente Lenora Mendes Louro, filha de Marlene Mendes Louro e Antônio Louro, ambos veteranos ativistas do movimento social. Lenora, auxiliada sempre pelo seu companheiro Rogério, foi incansável no combate contra os manicômios e pelos direitos dos negros no Rio de Janeiro. Da sua trincheira no Hospital Pedro Ernesto e nos ambulatórios municipais desferiu importantes golpes no conservadorismo e nas práticas racistas ainda muito comuns nos meios sociais. O Libera... quer com esta pequena nota prestar homenagem à esta incomparável mulher, da etnia de Dandara e Zumbi, que somou com dignidade os seus esforços aos de tantos outros anônimos militantes, sem os quais nada de relevante seria possível na luta cotidiana dos trabalhadores. Apaga-se assim uma estrela de raro brilho na nossa constelação revolucionária, sentimos muito. Até sempre Lenora...”



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: FARJ 2 CP 15001. CEP 20155-970. Rio/RJ * LETRALIVRE. CP 50083. CEP 20062-970. Rio/RJ * COL. DOMINGOS PASSOS. CP 100670. CEP 24001-970. Niterói/RJ * CCS. CP 2066. CEP 01060-970. São Paulo/SP * ANA. CP 78. CEP 11525-970. Cubatão/SP * NUELCA. CP 14. CEP 48000-970. Alagoinhas/BA * MAP/BA. CP 185. CEP 40001-970. Salvador/BA * GEAL CP 3244. CEP 78060-970 Cuiabá/MT * CNA. CP 294. CEP 01059-970. SP/SP * CRAP. CP 584. CEP 14801-970. Araraquara/SP * MOTIM. CP 77. CEP 29146-970. Cariacica/ES * GASA. CP 11. CEP 29390-000. Ilúna/ES * CAO CP 306 CEP 65001-970 São Luís/MA * FENIKSONIGRA CP 999 CEP 13001-970 Campinas/SP * CCA. CP 284. CEP 44001-970. Feira de Santana/BA * CCS - Antonio Martinez. CP 525522. CEP 08010-971. São Paulo/SP * CCS - PB. CP 255. CEP 58001-970. João Pessoa/PB * CRL. CP 665. CEP 01059-970. São Paulo/SP * FENIX NEGRA. CP 2501. CEP 60721-970. Fortaleza/CE * GEAL. CP 3244. CEP 78066-970. Cuiabá/MT